
O ROLÊZINHO E O ENTORNO

O baile da Tauá⁰¹ surgiu de forma espontânea ao longo dos diálogos com os componentes do grupo “Os Maloka PX”⁰², durante algumas visitas à comunidade de Peixinhos, bairro da cidade de Olinda. O encontro que esses escritos objetivam narrar ocorreu no centro de uma pequena praça, rodeada de ruas bastante estreitas em Santo Amaro, bairro que faz divisa entre Recife e Olinda e bem próximo a Peixinhos. O “rolê” acontece basicamente sem recursos, a partir de elementos do improviso por volta das deztoito

01 Nome da Rua no bairro de Santo Amaro, zona norte do Recife, onde ocorre o evento.

02 Grupo estudado em nossa pesquisa.

horas e é interrompido, quase sempre, às vinte e três horas, com direito a *after-hour*, com divulgação por meio do “boca a boca” e exaustivo compartilhamento por meio das redes sociais.

Não há nenhuma grande estrutura de palco ou iluminação, apenas a presença de paredões de som e algumas centenas de garotos e garotas que se encontram ali, através da dança, num “rolêzinho” notadamente modesto (ou, talvez, mais raiz do que Nutella, como os próprios integrantes pontuam), mas que faz jus a sua fama, dada volumosa presença de jovens provindos de diversos bairros da região em busca de entretenimento numa sexta-feira à noite. Ao que parece, esse talvez seja o ingrediente-chave para o monumental êxito do “rolê”: para além do improvisado, o fato de estar nos ambientes públicos e ocupar os espaços da comunidade, a gratuidade e a inexistência de grandes arranjos estruturais, componentes estes que, também, rememoram o famoso carnaval de rua de Olinda.

Nas ruas estreitas, a circulação, não raras às vezes, torna-se uma verdadeira batalha. Deslocar-se foi, na generalidade, missão árdua para o pesquisador e, mais ainda, para o fotógrafo⁰³. As impressões primeiras são de uma espécie de duelo por exibicionismo corpóreo através da dança, e uma das maiores razões que aguça tantos jovens à comparecerem, para além dos ingredientes-chave do “rolê” (os paredões ressoando as músicas

03 Todas as imagens são de autoria do fotógrafo Luciano Neto, feitas para a pesquisa

do momento e os “galerosos” ou “maloka/moleke” e as “novinhas”) é o flerte, o acesso à bebida alcoólica a baixíssimo custo e, não menos importante, o acesso, próximo à avenida Agamenon Magalhães, corredor com grande circulação de linhas de ônibus com destino a diversos terminais integrados da região metropolitana do Recife.

Manuel Castells (1999) define as “redes sociais” como conjunto de nós interconectados, o autor aponta que esses nós interconectados podem vir a se comunicar na rede de maneira bastante simplificada, pontuando como fatores primários os seguintes: religiosos, étnicos, territoriais, nacionais, entre outras condições mais. Nesse ínterim, as chamadas redes estão aptas para realizar inúmeros intercâmbios, a depender do interesse entre os sujeitos e grupos de sujeitos, ao passo que é capaz de conectar,

ou desconectar terceiros, consoante interesses análogos no decorrer desses processos de trocas. A partir dessa definição, podemos entender como o “rolê” é divulgado e como tantos jovens recebem a mesma informação e a propagam num intervalo de tempo impressionantemente curto.

Relativo aos processos de trocas nas redes sociais citados por Castells, é importante perceber que o uso das mesmas foi fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa. Primeiramente, foi crucial para realizar uma aproximação com sujeitos adeptos ao “Passinho dos Maloka” na Região Metropolitana do Recife e, posteriormente, para a nossa imersão no baile da Tauá, na companhia de dois integrantes do grupo “Os Maloka PX”. Para esses jovens, bem como para a contemporaneidade quase que em sua generalidade, esses recursos são não

apenas significativos, mas essenciais. Vale recordar também que, no ano desta imersão, o Facebook, para os integrantes do “Os Maloka PX” tal como para outros indivíduos, em conversas aleatórias durante o “rolê”, já está “ultrapassado”, a comunicação e divulgação é baseada no uso do Instagram (principalmente a partir do recurso do *stories* em quase sua totalidade) e claro, por meio de conversas em diversos grupos no Whatsapp.

No contexto dessa imersão no bairro de Santo Amaro, é possível trazer alguns escritos oportunistados por Hannerz (1997) acerca da instrumentalização das relações entre os grupos sociais. O pesquisador fala sobre as fronteiras que são criadas por meio dessas relações, que constituem elementos que se transformam em métodos de não apenas segregação, mas também de singularização. O autor aborda estes conteúdos expondo que às questões correlatas à dominação de determinadas culturas são exemplos bastante eficazes para sinalizar soberanias culturais, que estão, por conseguinte, saturadas por estigmas hierárquicos de superioridade versus inferioridade.

É considerável comunicar com esta imersão os escritos de Hannez, pois é bastante operativo no sentido de explicitar questões de dominações culturais que ainda ecoam nos tempos atuais. O “Passinho”, o bregafunk e o brega pernambucano estão, desde suas origens, circundados por descréditos culturais não apenas pelos conteúdos de suas músicas ou a forma como exteriorizam os passos de dança, mas, também, pelo contexto de sua gênese, dos corpos e ambientes periféricos dos quais os estilos emergiram. A rua Tauá, onde ocorre o “rolê”, não está imune a esses estigmas, as ruelas, as residências humildes e a percepção de descaso público com a infraestrutura urbana foram um dos fatores que mais chamou a nossa atenção, mesmo que em meio à toda aglomeração e trocas de afinidades festivas que estavam sendo compartilhadas naquele corpo geográfico.



Figura 1.
Visão Panorâmica
do baile da Tauá

Com relação às trocas por meio da dança e da música em espaços geográficos periféricos, trazemos os estudos de Maffesoli (1998) sobre tribalização e a postura do estar junto “à toa”. O autor, repetidamente, mas de maneiras distintas, nos relembra que o ser humano precisa realizar trocas, tem a necessidade de compartilhar, sejam interesses em comum, aspectos estéticos e de moda, atos de lazer, conectados, desta maneira, através da cultura, em outras palavras, o indivíduo não consegue viver isolado. Não sem razão, os grupos de indivíduos reunidos no baile da Tauá objetivam, no interior, validar esses conceitos, de que os aspectos culturais e as ocasiões de lazer, as perspectivas estéticas e o estar junto “à toa” são indispensáveis para a construção do que o autor chama de “cimento societal”.

Em síntese, é substancial citar que o “rolê”, que se inicia no começo da noite, como mencionado, é finalizado por volta das vinte e três horas, quase sempre com algum esforço policial mais ríspido (o que não foi o caso desta experiência, mas é pontuado em relatos dos frequentadores) para com as pessoas e os responsáveis pelos

paredões de som, que não são alugados, mas seus donos os levam por livre e espontâneo ensejo de somar e fortalecer o rolê.

A partir desta contextualização sobre o “rolêzinho”, o corpo geográfico em que ele ocorre e o modo como o mesmo chegou até nós, introduziremos a seguir, conteúdos que versam sobre a estética dos sujeitos e grupos de sujeitos observados no encontro e alguns tópicos que compreendem as desenvolturas corporais singulares produzidas por meio do “Passinho dos Maloka”.

ESTÉTICA, A AFIRMAÇÃO DO VISUAL

As condições estéticas, as vestes, os acessórios, as estilizações capilares são, intrinsecamente, o maior sustentáculo externado pelos jovens adeptos ao “Passinho dos Maloka” e que, não diferentemente, também foram contemplados neste mergulho etnográfico. Por intermédio de alguns embasamentos teóricos e das fotografias desenvolvidas nesta imersão pretendemos demonstrar a potência que os aspectos estéticos (isto inclui não unicamente enfoques de moda) possuem nas dinâmicas dos movimentados

encontros do “Passinho”. Isto posto, as fotografias, vinculadas ao detalhamento do pesquisador servirão como um proveitoso material para que o leitor possa se inteirar acerca das características particulares, e costumeiramente peculiares exteriorizadas pelos jovens presentes no “rolê” da rua Tauá.

Ortiz observa que a oposição “homogêneo/heterogêneo” perde importância; é necessário, pois, entender como segmentos mundializados – por exemplo os jovens, os velhos, os gordos, os desencantados – compartilham costumes e gostos convergentes. “O mundo é um mercado diferenciado constituído de camadas afins. Não se trata, pois, de produzir ou vender artefatos para ‘todos’, mas de promovê-los globalmente entre grupos específicos.” Por isso, este autor sugere que se abandone o termo homogeneização para se falar de “nivelamento cultural” a fim de “aprender o processo de convergência de hábitos culturais, mas preservando a diferença nos níveis de vida. (CANCLINI, 2006, p. 136)

Ao instaurarmos as observações com referência à estética dos sujeitos é interessante refletir sobre o conceito de “nivelamento cultural” acima proposto para que possamos estar aptos a interpretar as linguagens visuais que são desenvolvidas por esses jovens como agentes de assemelhação. Pois então, o “estar na moda”, a partir desta visão, não é estático, e esses nivelamentos possibilitam, paulatinamente, um campo bastante rentável para o surgimento e multiplicação de outros nivelamentos e nuances visuais, frutificadas por

meio da indústria do consumo e da moda. No baile da Tauá isto é notável em diversos aspectos estéticos que são compartilhados pelos jovens, como podemos perceber na imagem abaixo: as camisas de times, os acessórios, as estilizações e afins.



Na imagem acima, é interessante identificar dois integrantes do grupo “Os Maloka PX”, ambos de camisetas vermelhas e as típicas estilizações capilares e acessórios ostentação. Na Tauá, a cerveja na mão dos jovens também funciona como uma extensão do corpo, quando não está sendo jorrada vertiginosamente para os lados e para o alto devido à freneticidade habitual dos passos

Figura 2.
Integrantes do grupo
"Os Maloka PX"

ritmados. Curioso, também, reparar as customizações estéticas que são desenvolvidas com um acentuado caráter de diferenciação, o jovem na foto abaixo, cujo pesquisador até então tinha em mente que estava vendendo cigarros (visto o chamativo colar com carteiras de cigarro empilhadas horizontalmente) mas que se tratava apenas de um *insight* estético, segundo o próprio relatou com um sonoro “achei massa essa ideia e fiz”.



Figura 3.
Cordão customizado de
carteiras de cigarros

Vilaça (2007) demonstra que os elementos da cultura periférica têm influenciado fortemente tópicos da publicidade e da moda, deste modo, a autora nos fornece o conceito de uma dada “popficação” da cultura periférica. A partir deste termo, as dimensões que identificam produtos, pessoas, eventos, coisas, possuem, essencialmente, dois caminhos centrais: o da ótica integrativa e da ótica excludente, da estigmatização. Nesse contexto, portanto, há um estranhamento sobre a estabilidade da fisicidade das culturas urbanas periféricas na

contemporaneidade que, progressivamente, perdem sua fisicalidade geográfica, figurando-se da mesma forma como elementos estruturantes de processos de subjetivação e, por consequência, cooperando em direção aos caminhos da publicidade midiática.

Se a moda nos anos 60 começou a sofrer a influência jovem que vinha das ruas, ela está no momento valorizando a estética da periferia, seja através de seu imaginário com a utilização de grafites, fuxicos, cabelos rastafaris e outras propostas de comportamento e linguagem, muitas de caráter ambiental, visando a reativar zonas sem atrativo como bem assinalou Bauman (2001) na sua modernidade líquida. E conforme podemos observar no credenciamento espacial que a mídia promove para cima ou para baixo num processo de promoção de eventos incessante. (VILAÇA, 2007, p. 3)

Esses argumentos são importantes para observar a “popficação” dos aspectos visuais oriundos das periferias, que, de acordo com a autora, já tem sido recorrente desde décadas atrás. Isto é notório nos tempos que correm, acerca do funk carioca, do retorno dos saltos acrílicos tidos, durante muito tempo, como “artigo de piriguete” e que são replicados exaustivamente nos dias atuais pelas grandes marcas que alimentam às elites e famosos, ou seja, é determinante a maneira em que a mídia e a indústria da moda dirigem suas óticas para com esses elementos. No brega recifense e no bregafunk local, estas “apropriações estéticas” também são percebidas em níveis significativos, fato curioso este que possibilitou até mesmo o surgimento do pitoresco termo “maloka de condomínio”, que são jovens, economicamente privilegiados, que simpatizam e consomem marcas e aspectos visuais característicos dos jovens do “Passinho”, a exemplos dos presentes no baile da Tauá.

Figura 4.
Jovens dançando na
praça da rua Tauá

Figura 5.
Garotas rebo-
lando no "rolê"



Nas imagens acima podemos notar que as customizações capilares funcionam como um fator de extrema diferenciação, podendo ser comparado à nível de importância com as roupas e os acessórios de ostentação como os cordões de prata, os relógios grandes e chamativos e as joias que são, essencialmente, artifícios de ornamentação (aqui, sempre é importante falar sobre os valores e procedência, ou seja, quanto mais custoso, melhor). No “rolêzinho” da Tauá, as camisas de time são corriqueiras para os meninos, as meninas usam blusinhas e shorts curtos, *top-cropped*, os chinelos unissex, cabelos diferenciados, cigarros e latinha de cerveja na mão, as marcas Seaway (esta já famosa no estado) e Cyclone (muito frequente nas periferias da região) são as mais recorrentes neste contexto.

Nessa continuidade, acerca do consumo e dos nivelamentos culturais, Lipovetsky (2015) versa sobre uma era “Hipermoderna” (Pós-modernidade), do consumo a partir da lógica da moda, de uma sociedade relacionada aos extremos, sendo esses extremos as emoções, as sensações, de uma chamada “era da estética e da arte” em que o consumo está em constante sintonia com a lógica da moda, uma “era da sedução e valorização do futuro”. Este conceito, portanto, finda por nos afastar do presente, típico da pós-modernidade que, aqui o que o autor chama de era “Hipermoderna”, uma era mais íntima ao presente, ao instantâneo e, concomitantemente, sendo capaz de desenvolver inúmeras trocas, ao passo que traz consigo também alusões provenientes do passado.

Figura 6.
Customização capilar
e camiseta Cyclone

Os argumentos propostos pelo autor são interessantes para serem relacionados em diferentes camadas das sociedades, em diferentes espaços geográficos, inclusive nesta conjuntura. Como pode ser observado nas fotografias e na imagem abaixo, existe uma relação íntima de consumo e desejo pela marca Cyclone, adorada, idolatrada e desejada ao máximo nas periferias de Pernambuco, bem como para além do estado. Esta marca em específico, bem como algumas outras, operam como agentes propulsores de sedução de consumo para esses jovens pela lógica da moda, por meio da lógica da moda local, da identificação com outros indivíduos de suas comunidades que servem de espelho para esses grupos de sujeitos.



Para fins de conclusão, podemos dialogar os conteúdos expostos por Lipovetsky (2015) acerca do desejo, da sedução do consumo através da lógica da moda para com os elementos de estilo, consumo por afinidade e inspiração, bem como paralelo “diferenciação versus assemelhação”, neste caso não somente pela lógica dos artigos de moda e acessórios mas também, como mencionado, através das estilizações capilares, tatuagens, dentre outros aspectos que foram notados nesta imersão. Portanto, a estética é o pilar maior para a composição visual desses jovens que, quando associados aos outros aspectos reportados na pesquisa se caracterizam como expressões visuais intrínsecas que, independente do corpo geográfico, está efetivamente enraizada em nossas sociedades em níveis distintos.

CORPOS RITMADOS DO PASSINHO

Nesta etapa do estudo etnográfico no baile da Tauá, é claramente notável que o corpo funciona não apenas como mero dispositivo de exteriorização de sua cultura e práticas inerentes, mas também como o já aludido conceito de “dispositivo de construção de identidade e pertencimento”. Para tanto, pretendemos nos aproximar dessas questões alusivas ao corpo como esse dispositivo de exteriorização cultural e construção de identidade a partir dos passos ritmados e sexualizados, bem como do esforço dos sujeitos e grupos de sujeitos para serem notados e observados pelo entorno a partir do suporte teórico de alguns autores que flertam com temas como: práticas culturais subalternas, cultura brega periférica, tribalização através de aspectos de afinidade símeis.

Repensar a cidadania como “estratégia política” serve para abranger as práticas emergentes não consagradas pela ordem jurídica, o papel das subjetividades na renovação da sociedade, e, ao mesmo tempo, para entender o lugar relativo destas práticas dentro da ordem democrática e procurar novas formas de legitimidade estruturadas de maneira duradoura em outro tipo de Estado. (CANCLINI, 2006, p. 23)

Conforme posto por Canclini (2006), para que haja um generoso avanço quanto às manifestações culturais que não estão, como o autor menciona, “consagradas” é necessário que sejam procurados outros mecanismos para que essas práticas culturais possam vir a ser contempladas de modo mais proficiente, inseridas num campo de fato plural e democrático. Os passos de dança peculiares e de certo modo sexualizados observados pelo “Passinho” e também pelo próprio brega pernambucano, precisam ser revistos dentro deste “âmbito” em que são, não raros os casos “culturalmente situados” de modo arbitrário, como uma não-cultura, ou, menosprezados, quando defronte à desdouros elitistas.

Tomando como base os escritos de Soares (2017) em uma de suas imersões relatadas no seu livro de 2017 sobre a música brega em Pernambuco, o autor faz algumas constatações a respeito da função do corpo e da dança nos espaços em que estão inseridos,

mais precisamente no que tange o corpo em seu estado alcoolizado. Nesse contexto, o autor pontua que os espaços em que ocorrem as festas bregas são marcados por domínios de território, são espaços para conquistar o outro, flertar, paquerar, convencer, seduzir, o que ele denomina como capital erótico.

Este capital erótico também foi bastante notado na imersão realizada no “rolêzinho” de Santo Amaro. Foi perceptível que a estética (o uso de joias, acessórios, roupas “da moda”, “de marca” e cabelos customizados) assim como os corpos dançantes do modo mais dinâmico possível são os corpos que atraem mais olhares. Assim, os garotos e garotas se esforçam ao máximo para realizar passos cada vez mais complexos e muitas vezes sexualizados, tanto para com o sentimento de aprovação e reconhecimento de sua desenvoltura na dança, mas também como um inegável instrumento de paquera, como um artifício de sedução.



Michel Maffesoli fala de uma relação táctil que define adequadamente esse espírito: a noção de comunidade depende da experiência do outro, o que pode se estender para uma flexibilização de fronteiras do corpo quando, na massa, as pessoas se tocam, se roçam, e assim estabelecem interações. Considerando essa visão, a realidade de tanto dos bailes e shows que mobilizam multidões nas periferias todos os fins de semana, como também o ambiente espetacular dos programas vespertinos de auditório, podem ser vistas como uma possibilidade de identificações para grupos subalternos que de outra maneira não são integrados pelas representações hegemônicas. (2002: 192 FONTANELLA, 2005, p. 104).

Figura 7.
Multidão executando
os passos ritmados

Dando continuidade aos escritos de Soares (2017) e Fontanella (2005) sobre o corpo alcoolizado nos espaços de interações subalternas proporcionadas pelo brega-ricifense e a relação táctil que foi oportunizada por Maffesoli (1998), notamos que aqui o toque corpóreo é extremamente inevitável. O toque, o estar junto na multidão, os corpos se derramando em suor devido às exigências que são características da dança, por si só, motivam esta vinculação táctil. No baile da Tauá o corpo opera como uma espécie de “guerra por território” dada imensa multidão presente num corpo geográfico bastante comprimido, fato este que dificultou exaustivamente o trabalho do fotógrafo junto ao pesquisador, demandando atitudes de certo risco por parte do fotógrafo ao subir em algum dos paredões com o intuito de conseguir melhores registros fotográficos do “rolê”.

Foi interessante perceber que, naquele espaço geográfico, quem tivesse a iniciativa primeira e uma determinada “força”, tanto no sentido de desenvoltura para chamar atenção, tanto para conseguir abrir a desejada “rodinha” poderia se faltar com toda a atenção daqueles que estavam em volta, garantindo os olhares para si. Portanto, trata-se também de um jogo de oportunidade e agilidade. Ou seja, quanto mais desenvolto, quanto mais sexualizado, chamativo e próximo ao paredão de som mais visibilidade o sujeito ou grupos de sujeitos dispõem, propiciando o *start* ideal para angariar algumas possíveis paqueras na noite.

Dessa maneira, e como observado nas fotografias, o corpo no baile da Tauá,

associado a todos os elementos estéticos mencionados são componentes típicos e elementares para a exteriorização de suas práticas culturais singulares. A estética e o corpo são, com efeito, os denominados “dispositivos para construção de identidade e pertencimento”. Pertencimento, este, aos espaços urbanos, às trocas, à comunicação, tanto verbal quanto corpórea, em que todos esses ingredientes, correlacionados, são eficazes para proporcionar um ambiente bastante fértil para trocas simbólicas de uma autêntica manifestação cultural, da cultura periférica, como uma cultura subalterna efetivamente robusta e legítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de concluir o presente artigo e utilizar como gancho os escritos acima, é conveniente evocar as experiências de Ventura (1996) em seu livro *Cidades Partidas*, todavia sem grandes prolongamentos, até mesmo porque o estudo não tem por finalidade se aprofundar neste mérito. Nas experiências relatadas no livro, o autor é enfático ao expor sua opinião de que nenhuma operação de força fará sentido se a expulsão da minoria delinquente não se fizer

acompanhar de uma ação de cidadania que incorpore socialmente a massa de excluídos. Para ele, a solução está em distribuir justiça social para muitos e repressão para poucos. O perigo aqui, é prosseguir destinando a uns o que é devido a outros.

As experiências de Ventura em seu livro no Rio de Janeiro, podem ser transportadas para o atual cenário relativos às questões que circundam a periferia-centro na região metropolitana do Recife, décadas atrás e para esta experiência, vivenciada pelo pesquisador, no ano de 2020. Algumas questões ainda se comunicam bastante pelo que foi posto pelo autor na obra dos anos noventa, entretanto outras têm experienciado algumas mudanças, bem como amparado no que é brilhantemente demonstrado por Vilaça (2012) em seus escritos acerca da “popalização” da cultura periférica. Em suma, vivemos em décadas diferentes, realidades diferentes e, sobretudo, temos aqui espaços geográficos e personagens distintos, no entanto, alguns aspectos das questões que exploram o “corpo social periférico” ainda conversam muito bem entre si, já outras não possuem mais as mesmas especificidades.

É interessante observar e dialogar com essas questões para entender melhor as demandas da ocupação dos espaços, do estar inserido nos mesmos, do pertencimento, bem como de uma certa seletividade, ainda fortemente existente, no tocante à força policial nos espaços periféricos que ocorrem os “rolêzinhos”. Urge, portanto, uma sensação de que esses espaços são verdadeiramente razão de orgulho e felicidade para esses jovens da rua Tauá, mesmo que em meio a tantas mazelas oportunizadas pelas desigualdades sociais e o modo nem sempre muito bonançoso em que o “rolê” é encerrado. Entretanto, na dança e no deleitamento do se “enfeitar” com suas características estéticas singulares, estes personagens notadamente adquirem ainda mais fôlego para resistir e agregar ao “rolê” e ao fenômeno do “Passinho”.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à PROPG e à CAPES pela alocação de 12 meses de bolsa, possibilitando a consecução da pesquisa de Mestrado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbrido**: palavras-chave da antropologia transnacional. In MANA, Rio de Janeiro, 3 /1, abril de 1997.

FONTANELLA, Fernando Israel. **A Estética do Brega: Cultura de Consumo e o Corpo nas Periferias do Recife**. 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, PPGCOM, UFPE, Recife, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles e Jean SERROY. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

MAFFESOLI, Michael. **O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1998.

SOARES, Thiago. **Ninguém é perfeito e a vida é assim: a música Brega em Pernambuco.** Recife, Outros críticos, 2017.

VENTURA, Zuenir. **Cidade Partida.** São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

VILLAÇA, Nízia. **A periferia pop na idade mí-dia.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

VILLAÇA, Nízia. **MODA E PERIFERIA; negociações midiáticas,** XVI Encontro da Compós na UTP, Curitiba, 2007.